

LETRAS DE HOJE

Nº 37

SETEMBRO DE 1978

Cr\$ 60,00

LETRAS DE HOJE

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras

Centro de Estudos da Língua Portuguesa

Letras de Hoje
estudos e debates de
assuntos de lingüística,
literatura e língua
portuguesa



n.º 37

Setembro de 1979 - Ano 12

EXPEDIENTE

LETRAS DE HOJE

Fundada em 1967

Administração: Avenida Ipiranga,
6681 - Caixa Postal 1429
90.000 Porto Alegre - RS

Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras/Centro de Estudos da Língua Portuguesa em convênio com o Conselho Federal de Cultura.

A revista aceita contribuições de sua especialidade.

A revista aceita trocas.
On demande l'échange.
We ask exchange.Diretor: Prof. Ir. Elvo Clemente
Revisão e correspondência:
Prof. Maria Rita Ponsi Motta**Conselho Editorial**

Para assuntos lingüísticos: José Marcelino Poersch, Leonor Sciliar Cabral e Urbano Zilles.

Para assuntos literários: Gilberto Mendonça Teles, Ignacio Antonio Neis, Petrona Dominguez de Rodriguez Pasquês e Regina Zilberman.

Preço da assinatura
— 4 números anuais —
Brasil: Cr\$ 200,00
Exterior: US\$ 25
Número avulso: Cr\$ 60,00

Os pagamentos podem ser feitos por cheques bancários ou através de vale postal em favor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

COLABORADORES

GILES LOTHER ISTRE — Doutorando pela Louisiana State University (EUA). Tem publicações na Revista Brasileira de Lingüística. Leciona no Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.**YARA DUARTE E RAQUEL TEIXEIRA** — Mestras em Lingüística pela Universidade de Brasília, onde lecionam língua inglesa.**SEBASTIAO JOSÉ VOTRE** — Doutorando em Lingüística pela PUCRJ; leciona na Universidade Gama Filho e na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem outras publicações na Revista Letras de Hoje.**NEUZA MARTINS CARSON** — Doutoranda pela Universidade de Kansas (EUA). É professora da Universidade Federal de Santa Maria, lecionando, igualmente, no Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.**ROBERTO BALLALAI** — Doutor em Letras pela Sorbonne Membro do Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro. Professor de Literatura Francesa e de Cooperação Técnica no Centro Educacional de Niterói (RJ).**IGNACIO ANTONIO NEIS** — Doutorando em Letras pela Universidade de Grenoble (França). Tem outra publicação na Revista Letras de Hoje. É professor titular na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e na Faculdade Porto-Alegrense; leciona, também, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.**EDITORIAL**

O Centro de Pesquisas Lingüísticas abre mais um número de Letras de Hoje com estudos de Fonética/Fonologia, com investigações na área da língua, com trabalhos no campo da tradução e da leitura.

São frutos de experiências, de meditações e de estudos silenciosos e profundos.

Há muito para garimpar na língua falada e escrita nesta terra de Santa Cruz.

Os estudos de Lingüística já andaram longe, restam, entretanto, muitos passos para andar a serviço da boa compreensão, da boa comunicação da linguagem.

Ir. Elvo Clemente

SUMÁRIO

Editorial	3
O grau de abstração e o conceito de competência em uma gramática fonológica	5
O processo de nasalização das vogais em português sob o enfoque da fonologia gerativa	20
Aspectos da variação fonológica no Rio de Janeiro — processo de redução de travamento silábico	36
Relações semântico-sintáticas em Macuxi	53
A realidade brasileira e o ensino de línguas estrangeiras	63
Do conceito de tradução	76
Interesses e hábitos de leitura de alunos dos cursos supletivos da FEPLAM	95
Recensões bibliográficas	
Miguel Salles — Pragmática lingüística e ensino de português	107
Alda Maria Ghisolfi — Regionalismo e modernismo	110

Os lingüistas se polarizam em opinião sobre a admissão de abstração provinda da neutralização em uma gramática fonológica e sobre o grau de abstração permitido. Assim, hoje podemos falar da fonologia *abstrata* e da fonologia *concreta*.

1. O CASO DE NUPE

Hyman (1970) argumenta que, para as exceções às regras e condições gerais, é necessária a postulação de "um padrão mais profundo e regular". Baseando-se nos dados de nupe, conclui que o grau de abstração pode ser, até, de neutralização absoluta, isto é, de um grau que postula segmentos subjacentes que nunca serão realizados foneticamente. Acrescenta, porém, que uma profunda regularidade de padrão precisa ser psicologicamente real, e não somente um artifício que dê as realizações fonéticas corretas.

Uma das provas da realidade psicológica por ele postulada é a produtividade dos segmentos subjacentes e foneticamente não realizados em formas novas que entraram na língua, isto é, empréstimos de outras línguas que estariam sujeitos às mesmas regras da gramática que as formas nativas. Para fazer justiça ao raciocínio de Hyman, ilustraremos o problema com os dados utilizados por ele.

De acordo com Hyman, o nupe normalmente possui uma estrutura morfêmica subjacente e geral de (V)CVCV. Porém, algumas formas não somente violam esta regularidade subjacente, como também apresentam um problema de como interpretar [w] e [y] nos exemplos seguintes:

	[egwa]	'não'	[tya]	'ser brando'
(1)	[egyá]	'sangue'	[twá]	'aparar'
	[ega]	'forasteiro'	[ta]	'dizer'

Outras formas:

- (2) [egy] 'criança' [egwu] 'lana'
 [egyɛ] 'cerveja' [egwɛ] 'grama'

demonstram que [w] ocorre regularmente antes de vogais posteriores e arredondadas, [u] e [o], e que [y] ocorre regularmente antes das vogais anteriores e não-arredondadas, [i] e [e], de maneira que seria razoavelmente simples tratar o fenômeno como um processo assimilativo onde as consoantes tomam os traços de palatalização ou de labialização, de acordo com a vogal que segue.

Mas os exemplos com [ɔ] citados em (1) contradizem este raciocínio, porque, antes desta vogal, temos dois processos ilustrados, como, também, temos a falta destes processos.

Há quatro segmentos estridentes [ʃ ʒ ʧ ʤ], na superfície, que contrastam com [s z ʃ ʒ] semente antes de [ɔ]. Antes de [e] e de [i], os segmentos do primeiro grupo são alofones dos segmentos do segundo grupo. Os segmentos [y] e [w] também aparecem depois destes segmentos:

- (3) [ʃy] 'comprar'
 [ʒuʃya] 'anedeinois'
 [ɛʃya] 'azeitonas'
 [ɛʃwu] 'chefe'
 [ɛʃwa] 'lua'

Finalmente, os dados de nupe demonstram um processo de reduplicação relativamente simples que nominaliza os verbos de um morfema:

- (4) [gy] 'comer' [gy'gyi] 'o alimento'
 [gyɛ] 'ser bom' [gy'gyɛ] 'a bondade'
 [gw] 'perfurar' [gw'gwu] 'a punctura'
 [gwɛ] 'receber' [gw'gwɛ] 'a recepção'
 [twa] 'aparar' [twa'twa] 'as aparas'
 [tya] 'ser brando' [tya'tya] 'a brandura'
 [ta] 'dizer' [tya'ta] 'a declaração'

Em todas as formas, a vogal reduplicada é [+alto]; é [i] quando a vogal do radical não é arredondada e é [u] quando é arredondada. De novo temos o

problema dos radicais terminando em [ɔ]. Os segmentos [y] e [w] devem ser considerados como fonemas separados e distintos ou como partes das consoantes precedentes?

A solução de Hyman é postular /c/ e /ɔ/ subjacentes a um quadro de cinco vogais fonéticas. Assim, o quadro das vogais fonéticas tem um quadro subjacente com duas vogais que nunca aparecem na superfície, mas são neutralizadas absolutamente para /ɔ/:

	Fonética		Subjacente	
(5)	i	u	i	u
	e	o	e	o
		ɔ	ɛ	ɔ

Há cinco regras fonológicas postuladas em uma ordem linear fixa. Destas cinco, somente quatro serão apresentadas aqui para simplificar a exposição e por não ser a quinta pertinente à maioria das formas usadas como exemplos. A primeira regra é uma que muda /s z ʃ ʒ/ para [ʃ ʒ ʧ ʤ] antes de /i e u/:

- Regra das estridentes
- (6) [+estridente] → [+alto
-anterior] / — [-recuado]

A segunda regra reduplica a vogal do radical em pontos de articulação:

- Regra de reduplicação
- (7)
$$\begin{bmatrix} & V \\ a & \text{arredondado} \\ a & \text{recuado} \end{bmatrix} \rightarrow 1 \begin{bmatrix} 2 \\ +\text{alto} \end{bmatrix} 1 \ 2$$

A terceira regra é uma combinação de duas regras, a regra de labialização e a de palatalização:

- Regra de labialização e palatalização
- (8) [+consonantal] →
$$\begin{bmatrix} +\text{alto} \\ a & \text{recuado} \\ a & \text{arredondado} \end{bmatrix} / \text{---} \begin{bmatrix} a & \text{alto} \\ a & \text{arredondado} \end{bmatrix}$$

A última regra simplesmente muda /c/ e /ɔ/ para [ɔ], assim introduzindo a neutralização absoluta:

Regra de neutralização

(9)
$$\begin{matrix} \text{V} \\ \text{[-baixo]} \end{matrix} \rightarrow \begin{matrix} \text{[-recuado} \\ \text{[-arredondado]} \end{matrix}$$

Podemos examinar algumas derivações para ver como funcionam estas regras.

As formas subjacentes dos substantivos monomorfêmicos são postuladas assim:

(10)

/ego/	'mão'	/tc/	'ser brando'
/egc/	'sangue'	/ts/	'aparar'
/ega/	'forasteiro'	/ta/	'dizer'
/egj/	'criança'	/egu/	'lana'
/ege/	'carveja'	/ego/	'grana'

Tomando as formas subjacentes /ego/ 'mão', /egc/ 'sangue' e /ega/ 'forasteiro' como representativas, as regras são aplicadas na ordem apresentada:

(11)

	/ego/	/egc/	/ega/
Regra (6):	_____	_____	_____
Regra (7):	_____	_____	_____
Regra (8):	eg ^h o	eg ^h c	_____
Regra (9):	eg ^h e	eg ^h a	_____

As formas subjacentes dos verbos que podem ser nominalizados são:

(12)

/gí/	'comer'	/gu/	'perfurar'
/gá/	'ser bom'	/gò/	'receber'
/tc/	'ser brando'	/ts/	'aparar'
/ta/	'dizer'		

As derivações de 'a brandura', 'as aparas' e 'a declaração' seriam assim:

(13)

	/tc/	/ts/	/ta/
Regra (6):	_____	_____	_____
Regra (7):	títc	túts	títá
Regra (8):	t ^h ít ^h c	t ^h út ^h s	t ^h ítá
Regra (9):	t ^h ít ^h e	t ^h út ^h a	_____

De acordo com Hyman, deve ter alguma coisa no [a] dos morfemas [twa] e

[twa] que permita a sua marcação como [+arredondado] ou [-arredondado], de modo que seja agrupado com vogais arredondadas e posteriores ou não-arredondadas e anteriores, respectivamente. Ele acredita que só pode ser /e/ e /o/ subjacentes os responsáveis.

As consoantes estridentes que contrastam antes de [a] também podem ser explicadas pelos segmentos subjacentes /c/ e /ç/. Reconhecendo as formas subjacentes /tc/ 'começar' e /tsa/ 'escolher', temos as seguintes derivações para [t^hít^he] 'o coneço' e [t^hít^ha] 'a escolha':

	/tc/	/tsa/
Regra (6):	čc	_____
(14) Regra (7):	číčc	títtsa
Regra (8):	t ^h ít ^h c	t ^h ít ^h tsa
Regra (9):	t ^h ít ^h e	_____

Para responder a qualquer crítico que o uso de /c/ e /ç/ subjacente é uma solução diacrítica *ad hoc*, Hyman declara que estes segmentos são psicologicamente reais, baseando a sua evidência da produtividade da regra de neutralização no fato de que palavras emprestadas do yoruba, que possuem [c] e [ç] fonéticos, sofrem as mesmas regras que as formas nativas de nupe:

	yoruba	nupe
(15)	[kɔkɔ] → [k ^h ak ^h a]	'bicicleta'
	[egbe] → [eg ^h a]	(uma cidade yoruba)
	[tɔrɔ] → [t ^h ar ^h a]	'dar um presente'
	[kɔbɔ] → [k ^h ab ^h a]	'centavo'

Em outras palavras, "um falante de nupe 'nativizará' [tɔ] como [t^ha] e [çc] como [ç^ha] de uma maneira consistente" (Hyman 1970:66).

O que interessa aqui é que Hyman usa traços fonológicos como diacríticos para permitir a neutralização, traços que nunca aparecem na superfície. É de perguntar se uma criança que aprende nupe como língua materna realmente tem a capacidade de internalizar regras como Hyman apresenta. Hyman acha que a resposta é positiva:

Afirma-se que uma criança não precisa ouvir a forma fonética de um segmento subjacente para tê-lo armazenado no seu cérebro. A implicação desta afirmação é que a criança não

aprende uma representação subjacente somente a partir da fonética dos morfemas individuais (o ponto de vista extremo taxinômico americano), mas, ao contrário, tem a capacidade adicional de raciocinar (ibid.: 76).

2. A NEUTRALIZAÇÃO E A CONDIÇÃO DE ALTERAÇÃO

Kiparsky (1968 [1973]), um dos primeiros linguistas a estudar análises envolvendo a neutralização, nota que o fenômeno poderia ser dividido em dois tipos:

- a. *neutralização absoluta* - distinções fonológicas que nunca são realizadas na superfície fonética, aparecem nas representações lexicais dos morfemas;
- b. *neutralização relativa ao contexto* - distinções subjacentes que são perdidas em ambientes específicos, mas retidas em outros.

Ele considera a neutralização relativa ao contexto como um fato lingüístico indisputável e cita o exemplo inglês-americano de *vider: writer*, onde a distinção entre /t/ e /d/ é neutralizada precisamente antes de uma sílaba não acentuada, mas retida em outros ambientes, como em *ride: write*.

A neutralização absoluta, por outro lado, seria a consequência do estabelecimento de distinções subjacentes abstratas com a finalidade única de classificar segmentos naqueles que satisfazem e naqueles que não satisfazem a análise estrutural de uma regra.

Há duas maneiras de as neutralizações serem tratadas em análises: 1) o uso diacrítico de traços fonológicos e 2) o uso fonológico de traços diacríticos. Os exemplos que Kiparsky usa pode ser utilizados para ilustrar as duas.

No húngaro, os sufixos demonstram harmonia vocálica. A vogal de um sufixo concorda, geralmente, em anterioridade ou posterioridade com a vogal do radical. Assim, se o radical possui uma vogal anterior, a vogal do sufixo será anterior, e se o radical possui vogal posterior, a vogal do sufixo será posterior.

Mas o húngaro tem cerca de cinquenta radicais monossilábicos contendo as vogais "neutras", *i* e *e*, que pedem o substituto vocálico posterior de um sufixo em vez da vogal anterior esperada. Um exemplo é *hűj* 'casca' em *hűj*-[a]e 'minha casca', contrastando com *kés*-[e]e 'minha faca'. Assim, a harmonia vocálica húngara é parcialmente predizível na base da vogal do radical, mas imprevisível no caso das vogais neutras dos radicais.

Uma solução é postular o uso diacrítico de um traço fonológico, a vogal

neutra sendo representada na representação subjacente como vogal posterior não-arredondada /a/, apesar de que nem [a] ou qualquer outra vogal posterior não-arredondada aparece foneticamente em qualquer palavra do húngaro. Uma regra fonológica, então iria harmonizar a vogal do sufixo em posterioridade com [a]: /hűj + Va/ → /hűj + sa/. Depois o /a/ muda para [u]: /hűj + sa/ → [hűj + sa].

A segunda solução, o uso fonológico de um traço diacrítico, seria usar um traço diacrítico no léxico em conjunto com a vogal do radical, assim condicionando a anteriorização ou a posteriorização da vogal do sufixo. Por exemplo, a vogal do radical seria condicionada por um marcador diacrítico arbitrário como [+GRAVE] e uma regra fonológica:

$$(16) \quad V \rightarrow \begin{bmatrix} +\text{recuado} \\ \cdot \\ \cdot \\ \cdot \end{bmatrix} / X \begin{bmatrix} V \\ +\text{GRAVE} \\ \cdot \\ \cdot \end{bmatrix} X + X _ X$$

iria converter a vogal do sufixo para a contraparte posterior correta da vogal neutra anterior do radical.

Uma terceira solução alternativa, sugerida por Kiparsky, seria simplesmente tratar os radicais não-conformados como exceções a regra geral de harmonia vocálica e marcá-los com um diacrítico no léxico, tal como [-Har Voc]. Isto iria levar sufixos a reter as suas vogais posteriores quando usados com a categoria de radical assim marcada.

A escolha de qualquer uma dessas três soluções, ou de qualquer outra, precisaria tomar em consideração o processo de aquisição da língua. Kiparsky (p. 17) é contra o apelo à gramática histórica:

[é um desejo muito natural, embora teoricamente injustificado, ter as descrições sincrônicas que refletir a diacronia no maior grau possível. O mais que seja a semelhança entre a gramática sincrônica e histórica, o menos trabalho cada uma delas envolve para os linguistas... Mas, infelizmente, não podemos supor que as gramáticas sincrônicas têm uma forma que tira o trabalho pesado da reconstrução interna. As crianças, na aprendizagem de uma língua materna, não tomam os interesses dos linguistas a peito.]

Ele tenta, então, estabelecer uma *Condição de Alternância* que poderia eliminar o uso diacrítico de traços fonológicos e o uso fonológico de traços diacríticos. Duas versões são postuladas: a *Condição Forte* e a *Condição Fraca*.

A *Condição Forte de Alternação* proíbe, categoricamente, a neutralização absoluta em uma gramática fonológica. Assim, diacríticos de qualquer tipo são excluídos.

A *Condição Fraca de Alternação* afirma que o uso diacrítico de traços fonológicos pode representar a competência de um falante nativo, mas que a neutralização absoluta é linguisticamente complexa e precisa ser equilibrada com um custo fixo, a ela designada na teoria fonológica, isto é, mais complexidade na gramática. Kiparsky aceita esta versão para os casos onde várias regras se referem ao diacrítico fonológico.

Discutindo a análise de nupe feita por Hyman (1970), Kiparsky (1973) não acredita que a neutralização absoluta seja necessária neste caso. Ele acha que Hyman exagerou a complexidade da solução não-abstrata e a força da evidência dos empréstimos em favor da solução abstrata. A sustentação de Hyman, que um grupo consonantal viola o padrão de (V)CVCV da estrutura morfológica subjacente, não é vista por Kiparsky como sendo suficiente forte para merecer uma solução abstrata porque não é uma coisa rara nas línguas do mundo. Assim, em vez de postular /t/ e /tʰ/ no léxico, poderiam ser usadas formas mais concretas: /tʰs/ e /tʰa/.

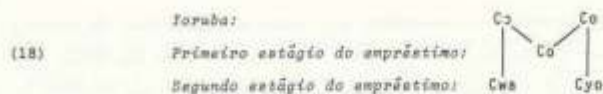
Hooper (1976) concorda com Kiparsky, mas, no lugar de estabelecer um padrão de consoante + glíde, ela postula, como subjacente, consoantes palatalizadas e labializadas, /tʰj/ e /tʰw/. Assim, a regra de reduplicação parece uma regra de epêntese vocálica, com a vogal reduplicada sensível aos traços da consoante, em lugar de uma vogal abstrata:

$$(17) \quad \# \left[\begin{array}{c} \text{C} \\ \text{u arredondado} \end{array} \right]_1 \text{X} = 1 \cdot 2 \left[\begin{array}{c} \text{V} \\ \text{-alto} \\ \text{ou arredondado} \\ \text{u fechado} \end{array} \right]_3 \text{Z} \cdot 3$$

A respeito de empréstimos, Kiparsky apresenta uma teoria alternativa de empréstimo que é mais compatível com uma análise concreta das vogais de nupe. É necessário distinguir entre duas situações do fenômeno: o contato casual e o bilingüismo extensivo.

Em uma situação de contato casual, os empréstimos são assimilados na base da aproximação fonética. Os falantes tentam achar uma aproximação entre os sons emprestados e a matéria de sua língua, sujeito somente a restrições fonéticas. (Para uma ilustração de como as aproximações são feitas, veja Lovina 1974.)

O processo de empréstimos pode ser dividido em dois estágios. No primeiro, os empréstimos são introduzidos na base da aproximação fonética. No segundo estágio, o contraste entre /s/ e /ʃ/ (ou /s/ e /ʃ/) é ajustado aos contrastes que já existem na língua materna:



Kiparsky acha que a maioria dos falantes de nupe é familiarizado com yoruba e, sob as condições de bilingüismo extensivo, ela já se encontra no segundo estágio.

3. A CONDIÇÃO DE NATURALIDADE FORTE

Em um esforço de restringir a abstração ao máximo na teoria, Vennemann (1971) sugere que uma restrição sobre as formas subjacentes, chamada *Condição de Naturalidade Forte*, seja imposta. Esta, uma das condições mais poderosas possíveis contra formas subjacentes abstratas, tem duas partes assim declaradas:

Parte 1: As representações lexicais das partes não-alternadas de morfemas são idênticas às suas representações fonéticas.

Parte 2: As representações lexicais das raízes são idênticas a um dos 'alomorfos' radicais do paradigma, mais um conjunto, muitas vezes vário, de regras supletivas.

Para ilustrar o que significam as partes da condição, examinaremos algumas palavras que demonstram alternância. Na língua alemã, uma obstruinte na posição final de sílaba é obrigatoriamente surda: und [ʊnt] 'e' e ob [ɔb] 'se'. Desde que não existam outras formas derivadas destas palavras na língua, elas entram no léxico com a forma que têm na representação fonética: /ʊnt/ e /ɔp/, respectivamente.

A restrição contra obstruintes sonoras na posição final de sílaba também funciona em palavras que têm derivações; por exemplo: rund [ʁʊnt] 'redondo' e haus [haʊs] 'casa' se alteram com hauses [haʊzəs] 'casa (genitivo)' e runde [ʁʊndə] 'redondo (plural)', as últimas duas com obstruintes sonoras. Assim, as formas subjacentes podem ser estabelecidas como /ʁʊnd/ e /haʊz/, cujas vogais seriam inalteradas quando acrescentadas de sufixos, mas que iriam se tornar

surdas, na posição final de sílaba, através de de uma regra de desonorização:

- (19) [-obstruinte] = [-sonoro] / ___\$
(onde \$ significa limite de sílaba)

Um problema surge com esta abordagem por causa da dificuldade de decidir onde e quantas vezes as regras de sílaba irão funcionar. Em uma outra tentativa de restringir a abstração, Vennemann (1971) estabelece uma *Condição de Não-Ordenação* que declara que, apesar de as regras de uma gramática se aplicarem seqüencialmente (uma se aplicando à saída da outra), elas são permitidas de se aplicar mais de uma vez e não em uma ordem fixa, isto é, uma regra se aplica a qualquer forma que satisfaça a sua descrição estrutural. Em uma ordenação estrita, [runds] poderia ser derivada de /rund/ subjacente sem problema:

- (20)
- | | |
|-------------------------------------|------------|
| Representação lexical: | /rund/ |
| Regra morfológica: | rund + s |
| Regra de sílaba: | \$rund\$ |
| Regra de desonorização: | _____ |
| Representação fonética sistemática: | [\$rund\$] |

Mas observa a forma inaceitável que poderia resultar se a Condição de Não-Ordenação é imposta:

- (21)
- | | |
|-------------------------------------|-------------|
| Representação lexical: | /rund/ |
| Regra de sílaba: | \$rund\$ |
| Regra de desonorização: | \$runt\$ |
| Regra morfológica: | runt\$ + s |
| Regra de sílaba: | \$runt\$ |
| Representação fonética sistemática: | *[\$runt\$] |

Como maneira de evitar a contradição demonstrada nas duas derivações, Vennemann (1974) advoga a alistação de todas as palavras da língua no léxico com suas formas fonéticas completamente especificadas. Tendo paradigmas inteiros no léxico iria permitir a consideração das regras morfo e fonológicas como regras de redundância, isto é, meta-regras que servem como condições de formação das representações lexicais, e como regras gerativas somente quando palavras novas são adaptadas ao léxico, ou quando palavras novas são criadas por um falante.

O que estou propondo, então, é que consideramos o abandono do ponto de vista que o léxico contém raízes (e talvez afixos) em vez de palavras (e, naturalmente, itens maiores que as palavras, tal como frases idiomáticas e sentenças), mas nenhum item mais baixo da complexidade de palavras, particularmente, raízes ou afixos (Vennemann 1974:353).

Como qualquer palavra pode ter pronúncias diferentes, dependendo da sua posição na sentença ou do estilo ou tempo usado, Vennemann (1974) sugere que a representação lexical receba a forma das palavras como são pronunciadas em isolamento.

Vennemann é um membro conduzente de uma nova teoria, chamada *Gramática Gerativa Natural*, em muitos aspectos radicalmente antagônico à teoria da Gramática Gerativa Transformacional, de Chomsky. Vennemann e os outros membros desta escola são da opinião de que as abstrações que conduzem à neutralização absoluta devem ser excluídas de uma teoria da fonologia. Parte de sua argumentação depende de uma resolução do debate sobre a ordenação de regras em uma gramática fonológica.

4. COMPETÊNCIA E DESEMPENHO

De acordo com Chomsky (1964:52), a descrição da competência intrínseca em uma gramática consiste de uma relação de como um falante determina a descrição estrutural correta designada pela gramática a uma expressão vocal, isto é, é a representação do conhecimento que um ouvinte-falante tem que o permite produzir e interpretar um número potencialmente infinito de expressões vocais.

Chomsky deixa bem claro que a descrição da competência não deve ser confundida com um relato do desempenho real do falante. Desde que podemos ouvir, gravar e analisar o desempenho real do ouvinte-falante, é objetivamente simples descrever uma língua neste nível. Uma descrição da competência de um ouvinte-falante é mais subjetiva; ela depende da competência do ouvinte-falante e do lingüista.

A competência, então, é o conhecimento internalizado que um ouvinte-falante tem da sua língua e o desempenho é o uso real da língua em situações concretas.

Chomsky (1965:193) declara que ele está interessado em "lingüística mentalista":

A lingüística mentalista é simplesmente a lingüística teórica que usa o desempenho como dados (junto com outros dados, por exemplo, os fornecidos pela introspecção) para a determinação da competência, esta última sendo o objeto primário da investigação.

Obviamente, surgem questões. Qual é a distância entre a competência e o desempenho? Vimos que os lingüistas não são todos de acordo com o grau de abstração permitido em uma gramática. Alguns simplesmente não aceitam representações abstratas como reflexos verídicos da competência.

As regras fonológicas sincrônicas refletem a diacronia? Em muitas análises feitas, as regras fonológicas têm uma semelhança impressionante com as regras históricas que demonstram mudanças lingüísticas; em outras palavras são regras estabelecidas para produzir um output foneticamente correto nas línguas sincrônicas, que recapitulam regras presentes em estágios anteriores da história destas línguas.

De acordo com Chomsky & Halle (1968:49), a semelhança é devida à resistência para mudanças:

É um fato empírico largamente confirmado o de que as representações subjacentes são bem resistentes às mudanças históricas, e que elas tendem, de modo geral, a envolver regras fonéticas posteriores. Se isto é verdade, então o mesmo sistema de representações para as formas subjacentes será encontrado em longos trechos de espaço e tempo.

É um ponto de vista adotado por Schane (1973:183):

Uma vez que as alternâncias encontradas em qualquer língua contemporânea são os vestígios de mudanças históricas, não deveria constituir surpresa o fato de que as representações subjacentes freqüentemente coincidam com formas atestadas anteriormente, e que as regras fonologicamente sincrônicas possam (mas não necessariamente sempre) recapitular as mutuais de son. Conseqüentemente, as mudanças históricas que ocorreram podem continuar a refletir-se indiretamente como processos fonológicos na língua contemporânea.

Sendo que são os lingüistas que estabelecem as representações subjacentes para dar conta das alternâncias, não é para esperar que estejam presos a um tipo de análise da qual não escapam? Para ser mais concreto, uma vez que o lin-

güista decide estabelecer /pan + e/ como representação subjacente de *pão*, com a finalidade de explicar a seqüência -ni- em *panfolar*, talvez ele esteja comprometido a estabelecer regras fonológicas que terão uma semelhança com regras diacrônicas.

Um outro modo de recapitular os fatos históricos seria através de empréstimos, diz Schane (1972:351):

É minha opinião que o único fator mais importante na evolução do sistema fonológico atual do francês foi a introdução maciça de palavras eruditas latinas. É o vocabulário erudito ao lado de um cognato não-erudito que é principalmente responsável pela abstração da língua moderna... Com a introdução do vocabulário erudito, surgiram novos conjuntos de alternâncias entre as formas eruditas e não-eruditas. Como conseqüência das alternâncias, aquelas formas não-eruditas "concretas", que eram relacionadas às eruditas, tiveram que sofrer uma reestruturação nas suas representações subjacentes. As representações subjacentes se tornaram semelhantes à alternativa erudita - isto é, as representações subjacentes das formas não-eruditas se tornaram mais abstratas.

Pelo menos aqui temos uma hipótese que é sujeita a ser testada empiricamente. Infelizmente, muitas das hipóteses sobre a competência são resistentes a um exame empírico, de modo que lingüistas como King (1969:102), protestam que:

Uma gramática é um relato do conhecimento intrínseco que um falante tem de sua língua - não a competência de seu pai, nem qualquer competência de seus ancestrais, nem a competência de seu vizinho, cujo dialeto é um pouco diferente. Admitir evidência histórica na avaliação de gramáticas sincrônicas seria afirmar que a competência de nossos ancestrais deve ter um papel na avaliação dos relatos de nossa própria competência, e não há razão baseada em fato ou teoria para justificar uma afirmação tão curiosa.

A referência de King à competência dos vizinhos levanta outra questão: Qual é o alcance sincrônica da competência? Dependendo do ambiente, uma criança pode receber um input que abrange muito mais do que a fala dos pais. Como Bailey (1972:22) nota:

O fato de que crianças podem entender, e às vezes imitar, da sua língua, muito mais do que elas podem usualmente pro-

durir sugere que a investigação da competência lingüística, em termos do que um falante usualmente produz, limita erroneamente o alcance das investigações da competência a uma fração do que é realmente conhecido da própria língua nativa. A teoria gerativa atual deve então ser adaptada para uma nova ênfase da comunicação pela extensão do alcance dos dados admitidos, para incluir tudo que cai dentro da competência do ouvido da criança.

Assim, crianças nascidas em ambientes bidialetais ou bilingüais podem ter muita informação armazenada, mesmo que não falem mais do que uma língua.

Concluindo, parece que, até que a competência possa ser testada empiricamente, a hipótese da competência fica completamente teórica e o desempenho continua sendo o nível mais indicado para o estudo da língua.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bailey, Charles-James N. (1972). The integration of linguistic theory: internal reconstruction and the comparative method in descriptive analysis. In: R. P. Stockwell & R. K. S. Macaulay, *Linguistic Change and Generative Theory*, pp. 22-31. Bloomington: Indiana University Press.

Chomsky, Noam (1964). *Current Issues in Linguistic Theory*. (Janus Linguarum, series minor, 38). The Hague: Mouton.

——— (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

——— & Morris Halle. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row Publishers.

Hooper, Joan B. (1976). *An Introduction to Natural Generative Phonology*. New York: Academic Press.

Ryman, Larry M. (1970). How concrete is phonology? *Language* 46:58-76.

King, Robert D. (1969). *Historical Linguistics and Generative Grammar*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall.

Kiparsky, Paul (1968 1973). How abstract is phonology? In: O. Fujimura, *Three Dimensions of Linguistic Theory*. Tokyo: TEC Company.

Lovins, Julie B. (1974). Why loan phonology is natural phonology. *Papers From the Parasession on Natural Phonology*, pp. 240-50. Chicago: Chicago Linguistic Society.

Schane, Sanford A. (1972). Natural rules in phonology. In: R. P. Stockwell & R. K. S. Macaulay, *Linguistic Change and Generative Theory*, pp. 198-229. Bloomington: Indiana University Press.

Schane, Sanford A. (1973). *Generative Phonology*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, Inc.

Vennemann, Theo (1971). Natural generative phonology. Papel apresentado na Reunião Anual da Sociedade Lingüística da América, St. Louis.

——— (1974). Words and syllables in natural generative grammar. *Papers from the Parasession on Natural Phonology*, pp. 346-74. Chicago: Chicago Linguistic Society.